



Só este ano chegaram a Brasília 6 mil pessoas em busca de emprego, doações, oportunidades. Na semana passada, essa família acampou bem perto da 2ª Delegacia de Polícia, na Asa Norte

# ELES VÊM PARA O NATAL

DF migração

Luís Osvaldo Grossmann  
Da equipe do Correio

O brasiliense é generoso. Ou pelo menos espera o ano chegar perto das épocas de Páscoa ou Natal para lembrar daqueles para quem a vida reservou muito pouco. Já quem precisa agradece, mas também parece viciado em solidariedade. Todos os anos, nesta época, nas ruas da cidade começam a aparecer mais barracos feitos com plástico, madeira e papeião. Junto a eles, mães, pais e crianças, muitas crianças — afinal, é impossível não se comover com a fome das crianças.

A confiança na solidariedade e nas oportunidades trouxe para o Distrito Federal 34.840 migrantes entre 1990 e 1997. No começo da década de 90 a migração era muito grande. Mais tarde, durante os anos de 1993, 1994 e 1995 este número caiu bastante, voltando a subir nos dois últimos anos (veja quadro). Só em 1998, de janeiro a outubro, 6.197 pessoas chegaram

na capital para tentar a sorte, arranjar um emprego, cuidar da saúde ou simplesmente para conseguir algum dinheiro, roupas e comida. Pelas estatísticas do Centro de Apoio Social, que recebe os migrantes no Distrito Federal, os anos eleitorais sempre atraem mais pessoas, confiantes que, de promessa em promessa, sempre é possível ganhar alguma coisa.

Este ano chegaram até agora, em média, 500 migrantes por mês, mas esse número varia com a época do ano. Os meses próximos à Páscoa e o Natal são os grandes campeões. Só em abril chegaram 615 migrantes, mas o recorde deve ser quebrado ainda nos meses de novembro e dezembro — o espírito de natal é imbatível. Tão forte, que mesmo quem já está no Distrito Federal há muito tempo, mantém a rotina de fim de ano, volta para as ruas quando começa o mês de novembro e espera os presentes.

## MAIS GENEROSOS

A primeira vez que Ladijane Maria da Silva chegou a Brasília foi em 1992. Ela veio de Pernambuco sozi-

nhora, mas o resto da família seguiu seus passos poucos meses depois. Hoje, com 28 anos e três filhos, ela mora com a família em um barraco no meio do cerrado do Parque Ecológico Norte.

Ladijane consegue ganhar de R\$ 5 a R\$ 10 reais por dia carregando entulho, mas com o natal cada vez mais perto ela trocou o bico pela solidariedade — dos outros. Todos os dias ela deixa o barraco onde mora para ficar das 8h às 18h às margens da avenida que liga o Eixo Norte à DF-003, no finalzinho da Asa Norte. Ali parada, com dois dos três filhos, ela recebe doações espontâneas dos brasilienses.

“Às vezes passo o dia inteiro aqui e

ninguém dá nada. Mas normalmente tem gente que dá pão, leite. Outro dá uma massa, um açúcar, uma roupa. Aqui em Brasília é melhor de ficar porque as pessoas são mais generosas”, diz Ladijane.

A cena se repete entre o Eixão e o Eixo L, na altura da 216 Norte, onde Joana D'Arc Souza Lima cuida da filha Lorraine, de 1 ano. Ela e o marido, José de Lima Silva, trocaram a chácara onde moram em Brasilinha por um barraco de plástico negro. Será a casa deles durante os próximos meses.

Enquanto José vigia carros em um supermercado na Asa Norte, Joana e a filha ficam à espera das doações dos motoristas que passam por ali todos os dias. “No final do ano passado eu ganhei bastante coisa,

às vésperas das festas de fim de ano, os migrantes eventuais chegam para ganhar presentes

## QUEM JÁ VEIO

Número de migrantes que chegaram a Brasília e foram registrados pelo CAS	
1991	7.547
1992	6.824
1993	4.463
1994	2.329
1995	1.940
1996	3.612
1997	6.105
1998	6.197 (até outubro)

cestas de comida, roupas, essas coisas. Por enquanto as pessoas têm dando comida, mas por enquanto não é muito não”, conta Joana.

Não muito longe dali, Benedita Galdino da Silva, de 48 anos, espera sentada enquanto o sobrinho termina de montar um barraco. Com eles estão três netos e uma afilhada de dona Benedita.

Ela deixou Alagoas quando ficou viúva e veio se juntar a um filho que morava na Ceilândia. O filho hoje mora em São Paulo, mas Benedita preferiu ficar. “Aqui, nos tempos de festas, o pessoal dá bastante coisa pra gente”, garante.

Benedita também bate o ponto todos os dias, das 8h às 17h, no final da Asa Norte, para receber as doações de cestas básicas, roupas, cobertas ou colchões. Faz a mesma coisa há três anos, sempre a partir de novembro, mas reclama com a autoridade da experiência: “Hoje é diferente, está mais difícil. Antigamente era melhor, só precisava andar com as crianças e as pessoas davam muito mais do que eu podia carregar”.